

Mercado europeu é melhor para Jorge Antunes

Enfrentar uma dupla dificuldade é parte da trajetória do compositor Jorge Antunes. Se a música erudita tem pouca aceitação, a música contemporânea sofre ainda mais, porque poucas orquestras interessam-se em apresentá-la. Ele acaba de voltar de uma temporada na Europa, onde esteve pesquisando para terminar sua ópera *Olga*, sobre a esposa de Prestes que foi deportada pelo governo de Vargas e morreu em um campo de concentração alemão. Antunes viajou com uma bolsa de pós-doutorado. Ele percorreu vários arquivos, visitou os campos de concentração onde Olga esteve, foi a Israel e terminou sua ópera em Paris, nos estúdios de música eletroacústica de Iannis Xenakis, um especialista no assunto.

"No Brasil não vejo nenhum sinal, nenhuma esperança de que essa ópera seja montada", diz Antunes, referindo-se ao desinteresse generalizado que existe pela música erudita



Antunes concluiu na Europa a ópera *Olga* e diz que lá a música erudita contemporânea é mais executada

contemporânea. "Há três teatros interessados na Europa, para as temporadas entre 95 e 97: a Ópera de Tel Aviv, a Ópera de Paris e um teatro da cidade de Colônia", conta.

Dez anos depois de ter feito uma composição semelhante (em 83 ele

compôs *Qorpo-Santo*), Antunes volta ao estilo usando a terminologia tradicional. "Quando fiz *Qorpo-Santo*, eu anunciei que tinha composto uma neópera, e fiz isso com um certo pudor", diz ele. "Agora chamo de ópera mesmo, mantendo uma linguagem nova,

ainda em busca da concepção de teatro total. O átomo não teve outro nome, mesmo depois que foi dividido", compara.

Em sua temporada na Europa, Jorge Antunes recebeu duas encomendas

de composições. Uma da Rádio França — uma obra para coro infantil e conjunto de câmara, que deve ser executada em 95 — e a outra, para um festival na Alemanha — uma obra para orquestra, que será executada em 96. "Concedi uma entrevista para a Rádio France Culture, que vai ao ar dia 18 de outubro, e tenho minha música sempre executada nos países europeus", diz Antunes. Com tantos atrativos, por que não estender sua estadia na Europa definitivamente? Seu primeiro impulso é positivo: diz que só aguarda a aposentadoria do cargo de professor na UnB. Mas depois reconsidera. "Não existe lugar mais tranquilo para trabalhar do que Brasília", garante, "de modo que prefiro manter as bases aqui e ir até lá quando for o caso. Além disso, essa situação de subdesenvolvimento cultural que o País vive me excita e me anima a continuar produzindo, é um desafio a enfrentar".

Sua análise da situação brasileira é demolidora. "O problema não é encontrar infra-estrutura", comenta, "mas gravadoras que se interessem pela música não-comercial. E não é verdade que a boa música popular encontra espaço junto à mídia. O apelo é cada vez mais popularesco", dispara, com a verve que fez dele um artista sempre voltado para questões políticas.